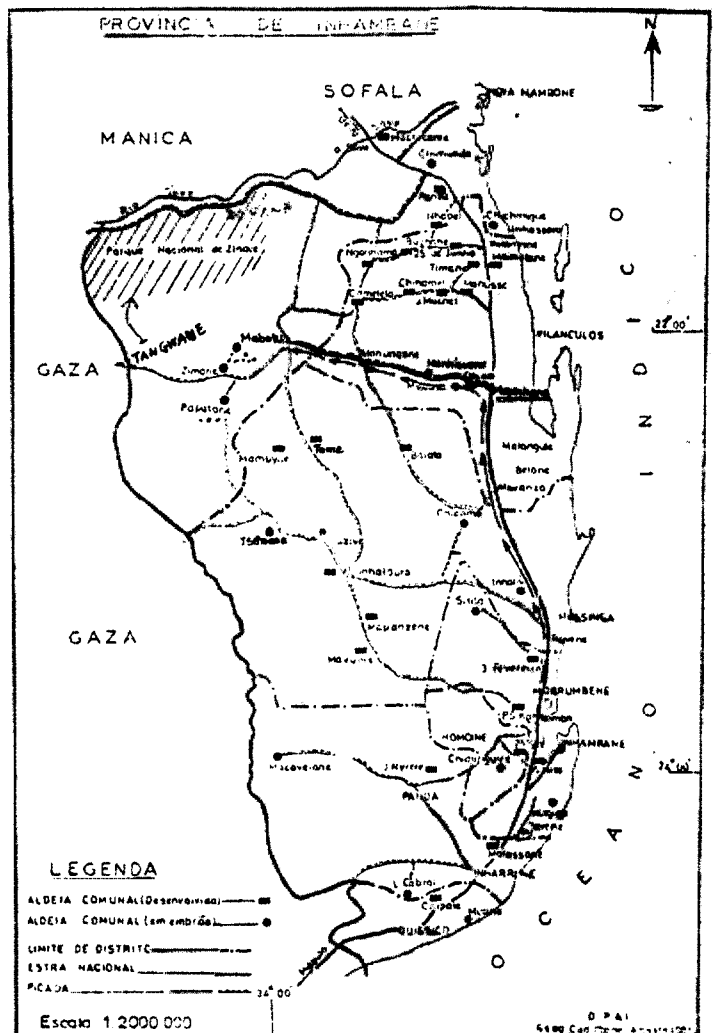


MABOTE: Sepultura para o bandido

Pequena localidade no interior da província de Inhambane, Mabote é uma trincheira firme na luta popular contra os bandos armados pelo regime racista da África do Sul.

Texto e Fotos: Jacinto Khossa



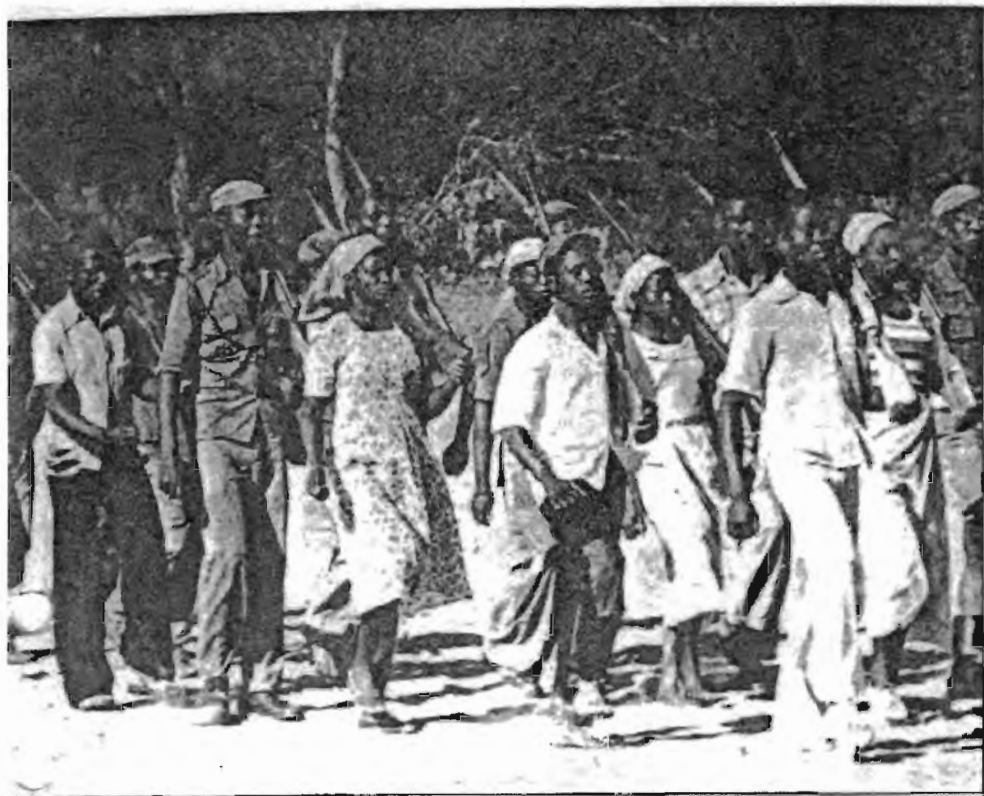
Tudo estava a postos para arancarmos. Descemos à sala de refeições onde tomámos o pequeno almoço. Às 9 horas do dia 11 partimos em direcção ao cruzamento de Mapinhane.

As 10.15 horas chegámos à povoação de Mapinhane onde ficámos à espera do grupo que se nos ia juntar.

Eram 12.30 horas quando a coluna partiu!

À medida que íamos progredindo no terreno novos horizontes se iam abrindo. A 29 quilómetros de Mapinhane encontramos o desvio para o Museu Arqueológico de Manikyene que deixámos ficar para trás. Aqui a vegetação é verde. O milho e a mapira estão já no seu estado adulto. Os embondeiros de diâmetros multiformes «deificam» as savanas que se vão dando ao

nosso olhar. A 42 quilómetros foi a vez do Centro Experimental de Combate às Tripanossomíases, na localidade de Muabsa. Também ficou para trás, com o verde do milho a contrastar com o vermelho do solo. Fomos progredindo. Pelo caminho via-se pessoas nas machambas e todo um movimento que não tinha nada a ver com gente assustada. À medida que íamos



Os milícias estavam a treinar

passando acenavam amigavelmente para nós. Outras de punho erguido faziam chegar até nós a firmeza das suas convicções.

As 17 horas e 30 minutos, o «Uáz» em que viajei imobilizou-se em frente da residência-palácio. Tínhamos chegado a Mabote!

O sol ainda não tinha desaparecido. O movimento que se nos depa-rou criou em cada um de nós um novo espaço para outros pontos de interrogação. As populações acarretavam água no poço situado ao lado da casa. Outras, um pouco ao lado, faziam as compras do fim-

MILÍCIA RESPONDE: PRESENTE

Engajei-me nas milícias para defender a minha Pátria contra os inimigos do nosso Povo, contra esses bandidos que andam a roubar e a destruir os nossos bens — Quem assim nos fala é Benjamin Cavilane Mabote, alfaiate de profissão e membro da Cooperativa dos Alfaiates denominada 1.º de Maio. É natural de Mabote, terra que o viu nascer há 38 anos. Reside no Bairro Comunal Josina Machel.

É um homem de olhar sereno, tez tostada pelos rigores do clima mabotense. Fala com desenvoltura e, na sua voz grave e compassada conta-nos alguns episódios da sua vida.

A sua infância e adolescência são iguais à de muitos patriotas moçambicanos. Preenchidos de sacrifícios e sofrimentos inúmeros. E talvez por isso mesmo é que Benjamin Cavilane Mabote não é um homem desesperado. Ele tem, não só esperança, mas também, a certeza de que a sua vida não pode ser

pior do que já foi. Ele aprendeu, quando escravo ainda do colonialismo português, a desejar ser livre. E hoje o é, como o é a totalidade do nosso Povo.

Sete anos de liberdade galvanizaram o espírito, o espírito combativo de Benjamin Cavilane Mabote, geraram na sua consciência um ódio profundo por tudo aquilo que põe em causa a liberdade e a soberania arduamente alcançadas.

Combateu as forças da soldadesca de Ian Smith e hoje, uma vez mais, com vigor e determinação reforçadas combate sem tréguas ao lado das FAM-FPLM contra os bandos armados criados e financiados pelo regime racista e minoritário da África do Sul.

— Estará o seu ingresso nas milícias relacionado como algo que se tenha passado consigo ou com a sua família? — olha para nós e com um sorriso meio sério ele responde: Sim. — Onde? — Apressámo-nos a perguntar — Em Tete, Manica, Sofala e aqui em Inham-

de-semana. Olhámo-nos e, sem proferir palavras ficámos a saber o que cada um de nós queria dizer.

À noitinha quando fomos até às lojas, conhecemos Mabote ao cair do dia. No snack-bar que fica de frente ao restaurante «Zambézia», o proprietário preparava o Petromax para a jornada da noite. Víamos alegria no rosto de toda a gente. Aqui, ali e acolá, os programas de fim-de-semana tomavam forma. Das aldeias comunais das imediações chegava-nos o som do batusue. Eram as actividades culturais ao sábado à noite.

Jantámos no restaurante Zambézia.

De regresso ao local da acomodação íamos a pensar se havíamos de dormir num abrigo ou numa trincheira. A ser verdade, onde é que ficaríamos? Pois não vimos nenhuma nas imediações. Não obstante todas aquelas imagens que presenciámos, persistia em cada um de nós o vírus da má-informação que trazíamos da base. Para nós e naquele momento, tratava-se de torcer o pepino já no seu estado adulto. Não dormimos num abrigo, nem numa trincheira! Dormimos

sim, numa tenda que para o efeito foi esticada e entregue à nossa guarda.

Tinha visto tanta coisa em tão pouco tempo que nem ousei sonhar. Dormi como pedra.

Domingo, 11 de Abril.

Eram 6 horas e 30 minutos quando do lado Sul de onde me encontrava ouvi um coro de vozes obedecendo a uma ordem militar. Os outros colegas também tinham ouvido.

O instrutor troca breves palavras com o comandante da zona. Faz continência e vira-se para os seus

bane mesmo. **Mas você está a referir-se à acção dos bandidos contra todo o nosso Povo?** — exclamámos. — Sim e é essa a razão do meu ingresso nas milícias. Se eu não levantar a minha casa derrubada pelo ciclone, não será o viajante que a há-de levantar. Se eu não for à fonte buscar a água, a fonte não virá ter comigo. Se não formos nós a fazê-lo, ninguém virá de fora para correr com os bandidos que roubam os nossos bens, que queimam as nossas aldeias e assassinam o nosso povo. — **Com a sua arma bem segura, Benjamin Cavilane Mabote ajeitou-se como se esperasse uma outra pergunta nossa. Mas não a fizemos. Aquela insistência de querer tirar dele uma revelação dolorosa avergonhou-me de certa maneira. Talvez a «Febre do Sensacionalismo da Informação» nos estivesse a atacar.**

Benjamin Cavilane Mabote acabava de nos dar uma lição, uma lição que só encontra paralelo na sua vontade de produzir e combater, porquanto, como alfaiate que é, é também um exemplo. Mas ele não constitui o único exemplo na zona. Muitos os há e ainda que dedicasse toda a minha vida na sua divulgação,

ela consumir-se-ia sem que tivesse conseguido falar de pelo menos um quarto, porque em Mabote, cada patriota miliciano responde **PRESENTE!**

JACINTO KHOSSA

De casquete e camuflado, eis Benjamin Cavilane Mabote. «Ninguém virá de fora para correr com os bandidos armados»





Lenço de popeline na cabeça, blusa às riscas e uma semi-automática ao ombro. Esta é Luísa Manuel Fulai Chissinga

LUÍSA QUER UMA ARMA

Entre o chão e o topo da sua cabeça vão cerca de cento e sessenta centímetros. Um lenço de popeline lhe protege os cabelos e duas argolas de ouro lhe adornam as orelhas. Chama-se Luísa Manuel Fulai Chissinga, dona de uma voz melodi-harmoniosa e 23 anos de idade. Nasceu em Mabote. Filha de camponeses e, por herança, camponesa também. Por mérito próprio é secretária de companhia de milícias ainda em formação.

Luísa pediu para ser alistada nas milícias. E como nos confiou o seu instrutor, ela está no grupo dos que se entregam com mais afinco na aprendizagem das técnicas ministradas. Nós mesmos já tínhamos reparado nessa sua especial dedicação quando assistíamos aos treinos. Algo nos fez concentrar as nossas atenções sobre aquela jovem de pele lavada com leite.

instruendos e ordena: Khá'harê! Vimos homens e mulheres perfilados. A princípio julgámos serem todos principiantes, mas este nosso juízo foi desfeito quando tivemos a oportunidade de conversar com toda aquela gente. Soubemos que de entre ela havia milícias veteranos, formados no tempo de luta contra a soldadesca racista de Ian Smith. Indivíduos que participaram lado a lado com as FPLM nos combates contra o louco da ex-Rodésia do Sul. Ali estavam de novo firmes e resolutos e a dar combate sem tréguas aos bandidos armados que lhes saqueiam, assassinam e queimam as suas aldeias. Como nos disse Benjamim Cavilane Mabote, um dos veteranos, o facto de estar nas milícias desde 1976 não é ra-

zão para pedir férias ou descanso, porque penso que ser milícia não é nenhuma profissão. Eu tenho a minha ocupação. Sou alfaiate.

Soubemos através do instrutor que este alfaiate camponês é comandante de companhia que no assalto a um dos acampamentos dos bandidos armados, em Tangwane movimentou a sua companhia com destreza e mestria! O acampamento foi assaltado e tomado pelas nossas forças. À medida que íamos conversando com aqueles milícias íamos encontrando acções que espelham verdadeiros feitos de heroísmo que prometo dar a conhecer num outro trabalho.

No final do encontro com os milícias usei formular certas conclusões. Mabote dos meus olhos não

era Mabote dos meus ouvidos. E se ela era de difícil penetração, era-o para os bandos armados, porque pela vontade do seu povo Mabote é uma trincheira firme na luta pela liquidação dos «Blanguetis» que o imperialismo criou através do regime racista e minoritário da África do Sul para desestabilizar a nossa economia.

Passeámos pela povoação que àquela hora começava já a ser concorrida. Não vi em nenhum semblante marcas de medo. Medo têm-no os bandidos armados que neste momento e com acentuada cobardia tudo fazem para não se confrontarem com as FAM-FPLM ou com os milícias, procurando atacar e saquear populações dispersas e aldeias que não tenham ainda mi-

Agia como se estivesse atrasada no cumprimento de uma meta que certamente existia em alguma parte da sua alma.

Falámos com ela. Seguimos o trilho da sua vontade na geografia das suas palavras e encontramos uma Mulher com estatura de uma decisão amadurecida num conselho de sábios. Uma Mulher firme e determinada. Passavam três dias e dez horas depois do 7 de Abril.

Luísa tinha contas a ajustar e sabia com quem. Os seus olhos vitoriosos de lágrimas que não chegavam a descer o vale falavam por ela e eram eles a fonte que lhe alimentava aquela vontade. Tinham visto coisas que não lhe deixavam repouso na consciência. O seu sentimento é, como nos disse, «de profundo ódio. O meu coração dói por tudo aquilo que os meus olhos viram. Não foi por acaso que me alistei nas milícias. Só lamento não ter uma arma minha. Esta que vocês estão a ver foi-me emprestada para poder treinar. Eu quero uma arma minha!» — A sua voz eleva-se e os olhos ganham maior intensidade no brilho. Cheguei a pensar vê-la a fazer-se em lágrimas. Mas uma vez mais

contraí um equívoco — Eu quero uma arma minha para ir para a frente de combate, ajudar a aniquilar esses bandidos que matam os nossos irmãos, que roubam as nossas coisas e destroem as nossas casas.

Luísa quer uma arma! É uma verdade que não carece de demonstração. É um axioma. Ela quer uma arma e quando a tiver usá-la sabiamente.

Aqueles olhos plantados naquele rosto oval tinham de facto, visto coisas horríveis, sobretudo para quem ama o que é seu. Viram o corpo sem vida de seu irmão barbaramente assassinado pelos bandidos. Chamava-se Paulo Manuel Fulai Chissinga.

Luísa já não tem lágrimas para vertê-las em memória do irmão. Elas estão cristalizadas no ódio que nutre pelos bandidos. As lágrimas, essas verterão aos jorros do cano da sua arma justiceira. As suas balas chorarão punindo o bandido. Não chorarão apenas as mágoas de um irmão assassinado, mas as mágoas de todo um Povo agredido pelo imperialismo representado nesta zona pelo seu baluarte, a racista África do Sul.

Uma arma para a Luísa!

JACINTO KHOSSA



O bandido terá uma resposta à altura das suas provocações

licias populares. Mas, mesmo nestas, só o fazem à noite, como o faz a Quizumba, bicho de quem herdou a estratégia e tática.

Em Mabote a população está de-

terminada a pôr termo aos bandidos. Ela sabe que enquanto eles existirem difícil será promover o desenvolvimento que se pretende para o bem-estar de todo o povo.

Está consciente de que sem o aniquilamento destes bandos armados o progresso económico far-se-á com dificuldades.

Durante o tempo que lá estivemos, nada do que víamos constituía já surpresa para nós. Tínhamos aprendido por nós mesmo a lição.

Estávamos de regresso a Vilanculo quando a meio do caminho tivemos que entrar um pouco para o mato a fim de darmos passagem a uma carreira regular da ROMOS que ia para Mabote! Depois de darmos caminho ao machimbombo um adágio popular veio-me à mente: **A boca do maldizente e o ouvido de quem o escuta são irmãos.** Não é?

□